

tempomedicina.com | Edição Semanal | 1º Caderno | 0712691C1010/ABY45A - Windows Internet Explorer


http://www.tempomedicina.com/EdSem/Noticia.asp?ID_Noticia=19427

Ficheiro Editar Ver Favoritos Ferramentas Ajuda

tempomedicina.com | Edg... X

IMPRESSÃO TEMPOMEDICINA ONLINE número 1268
10 Dezembro 2007
Director: Dr. José M. Antunes

1ª PÁGINA EDIÇÃO IMPRESSA REUNIÕES E CONGRESSOS ARQUIVOTM IMPRESSÃO REGISTO



Aconselhamento e treino para tornar útil mão-de-obra qualificada
Clínico ajuda a integrar médicos refugiados no NHS

No Reino Unido, país de destino de muitos médicos, há quem se dedique a estender a mão aos que ali chegam como refugiados. Tanzeem Raza fá-lo com a convicção de que vale a pena «investir» nestas pessoas. Não só para ajudá-las na integração mas também para lhes conferir mais-valia social. É paquistanês, mas, tal como muitos outros médicos do seu país, rumou ao Reino Unido em busca de formação pós-graduada, paga por si, como faz questão de salientar. «Mas não sou refugiado», apressa-se a esclarecer em resposta à nossa curiosidade sobre a origem do seu nome. Tanzeem Raza é consultant physician in acute medicine no Royal Bournemouth Hospital, em Bournemouth, no Reino Unido, onde dirige também o Departamento de Educação Médica. Mas a razão por que aceitou dar-nos esta entrevista, por escrito, prende-se com o facto de coordenar há cinco anos, no Wessex Institute (onde é reitor associado), em Winchester, um programa de ajuda a médicos refugiados. O objectivo é integrá-los no Serviço Nacional de Saúde inglês (NHS, na sigla original) e torná-los «membros mais valiosos para a sociedade».

«Tempo Medicina» — O objectivo do programa que coordena é o de preencher uma lacuna no NHS?

Tanzeem Raza — O Reino Unido é muito procurado por médicos estrangeiros, que estão disponíveis para preencher quaisquer falhas nos recursos humanos do NHS. Por isso, o nosso objectivo vai no sentido de assegurar que se há médicos refugiados no país, então devemos investir neles. Não só para ajudá-los a pôr em prática todo o seu potencial, mas também para os auxiliar a tornarem-se membros mais valiosos para a sociedade.

«TM» — É possível quantificar a importância destes recursos humanos para as finanças do NHS?

TR — Estimase que treinar um médico no Reino Unido custa cerca de 300 mil libras. Nós podemos voltar a treinar médicos refugiados com uma fração deste custo.

«Tempo Medicina» — Em que consiste a vossa ajuda a estes médicos?

TR — Aconselhamos e guiamos os médicos refugiados no âmbito das suas carreiras profissionais. Além disso, ensinamo-lhes inglês, preparando-os para o PLAB (Professional and Linguistic Assessment Board), um exame obrigatório para todos os médicos não europeus que queiram exercer Medicina no Reino Unido. Tudo isto é gratuito, na medida em que é financiado através da Prefeitura de Wessex. Também oferecemos a oportunidade de estágios nos hospitais do NHS, para que estes médicos se familiarizem com o modo como se trabalha no Reino Unido.

«TM» — Em concreto, o que é que desafiou a organização de um programa com estas características?

TR — Não houve um evento único que nos tenha conduzido até aqui, mas sim um sentimento generalizado, durante os últimos cinco ou seis anos, de que havia muita gente qualificada no país. Porém, ninguém sabia quem eram ou onde estavam. A British Medical Association começou, então, a reunir esses dados e ficámos a saber que havia, pelo menos, 1200 médicos refugiados no país. Em consequência, o NHS decidiu ajudá-los a renovar os seus conhecimentos e a treinarem a componente prática, para que possam contribuir enquanto mão-de-obra no próprio NHS. Há cerca de cinco anos iniciei, no Wessex, um grupo de ajuda para médicos refugiados, que ainda hoje funciona. Aqui eles aprendem inglês, passam no PLAB e agora trabalham no NHS.

«TM» — Recebem muitos pedidos de ajuda?

TR — Há poucos anos, realizámos um estudo e descobrimos cerca de 12 médicos refugiados nesta zona. Todos eles acabaram por passar os seus IELTS (International English Language Testing System), ou seja, os testes de língua inglesa. E todos, à excepção de três, também passaram no PLAB e agora trabalham em diferentes áreas do país.

«TM» — Quais são os principais problemas que os médicos refugiados enfrentam quando chegam ao Reino Unido?

TR — Muitos problemas. Os principais são psicológicos, financeiros, emocionais, culturais e profissionais. Mas também o trauma de terem sido expulsos do seu país natal. Junta-se a isto a falta de informação ou aconselhamento no país que os acolhe, bem como o facto de não estarem familiarizados com a cultura.

«TM» — Portugal é actualmente destino de muitos imigrantes, alguns deles médicos. Acha que seria conveniente o nosso país constituir um programa com objectivos idênticos ao que coordena, com vista à sua adequada integração no nosso SNS, que é muito idêntico ao inglês?

TR — É obviamente difícil para mim comentar aquilo que Portugal deve ou não fazer, mas posso

Os principais problemas com que os médicos refugiados se deparam quando chegam ao Reino Unido são sobretudo de ordem psicológica, financeira, emocional, cultural e profissional, segundo Tanzeem Raza



Aconselhamento e treino para tornar útil mão-de-obra qualificada

Clínico ajuda a integrar médicos refugiados no NHS

No Reino Unido, país de destino de muitos médicos, há quem se dedique a estender a mão aos que ali chegam como refugiados. Tanzeem Raza fá-lo com a convicção de que vale a pena «investir» nestas pessoas. Não só para ajudá-las na integração mas também para lhes conferir mais-valia social.

É paquistanês, mas, tal como muitos outros médicos do seu país, rumou ao Reino Unido em busca de formação pós-graduada, paga por si, como faz questão de salientar. «Mas não sou refugiado», apressa-se a esclarecer em resposta à nossa curiosidade sobre a origem do seu nome. Tanzeem Raza é consultant physician in acute medicine no Royal Bournemouth Hospital, em Bournemouth, no Reino Unido, onde dirige também o Departamento de Educação Médica. Mas a razão por que aceitou dar-nos esta entrevista, por escrito, prende-se com o facto de coordenar há cinco anos, no Wessex Institute (onde é reitor associado), em Winchester, um programa de ajuda a médicos refugiados. O objectivo é integrá-los no Serviço Nacional de Saúde inglês (NHS, na sigla original) e torná-los «membros mais valiosos para a sociedade».

«Tempo Medicina» — O objectivo do programa que coordena é o de preencher uma lacuna no NHS?

Tanzeem Raza — O Reino Unido é muito procurado por médicos estrangeiros, que estão disponíveis para preencher quaisquer falhas nos recursos humanos do NHS. Por isso, o nosso objectivo vai no sentido de assegurar que se há médicos refugiados no país, então devemos investir neles. Não só para ajudá-los a pôr em prática todo o seu

potencial, mas também para os auxiliar a tornarem-se membros mais valiosos para a sociedade.

«TM» — É possível quantificar a importância destes recursos humanos para as finanças do NHS?

TR - Estima-se que treinar um médico no Reino Unido custe cerca de 300 mil libras. Nós podemos voltar a treinar médicos refugiados com uma fracção desse custo.

«Tempo Medicina» — Em que consiste a vossa ajuda a estes médicos?

TR — Aconselhamos e guiamos os médicos refugiados no âmbito das suas carreiras profissionais. Além disso, ensinamo-lhes inglês, preparando-os para o PLAB (Professional and Linguistic Assessment Board), um exame obrigatório para todos os médicos não europeus que queiram exercer Medicina no Reino Unido. Tudo isto é gratuito, na medida em que é financiado através da Reitoria de Wessex. Também oferecemos a oportunidade de estágios nos hospitais do NHS, para que estes médicos se familiarizem com o modo como se trabalha no Reino Unido.

«TM» — Em concreto, o que é que desencadeou a organização de um programa com estas características?

TR — Não houve um evento único que nos tenha conduzido até aqui, mas sim um sentimento generalizado, durante os últimos cinco ou seis anos, de que havia muita gente qualificada no país. Porém, ninguém sabia quem eram ou onde estavam. A British Medical Association começou, então, a reunir esses dados e ficámos a saber que havia, pelo menos, 1200 médicos refugiados no país. Em consequência, o NHS decidiu ajudá-los a renovarem os seus conhecimentos e a treinarem a componente prática, para que possam contribuir enquanto mão-de-obra no próprio NHS.

Há cerca de cinco anos iniciei, no Wessex, um grupo de ajuda para médicos refugiados, que ainda hoje funciona. Aqui eles aprenderam inglês, passaram no PLAB e agora trabalham no NHS.

«TM» — Recebem muitos pedidos de ajuda?

TR — Há poucos anos, realizámos um estudo e descobrimos cerca de 12 médicos refugiados nesta zona. Todos eles acabaram por passar os seus IELTS (International English Language Testing System), ou seja, os testes de língua inglesa. E todos, à excepção de três, também passaram no PLAB e agora trabalham em diferentes áreas do país.

«TM» — Quais são os principais problemas que os médicos refugiados enfrentam quando chegam ao Reino Unido?

TR — Imensos problemas. Os principais são psicológicos, financeiros, emocionais, culturais e profissionais. Mas também o trauma de terem sido expulsos do seu país natal. Junte-se a isso a falta de informação ou aconselhamento no país que os acolhe, bem como o facto de não estarem familiarizados com a cultura.

«TM» — Portugal é actualmente destino de muitos imigrantes, alguns deles médicos. Acha que seria conveniente o nosso país constituir um programa com objectivos idênticos ao que coordena, com vista à sua adequada integração no nosso SNS, que é muito idêntico ao inglês?

TR — É obviamente difícil para mim comentar aquilo que Portugal deve ou não fazer, mas posso dizer que a nossa experiência no Reino Unido tem sido, de facto, muito positiva.

Andreia Vieira

...CAIXA...

Percurso profissional

Depois da formação pós-graduada no Reino Unido, Tanzeem Raza regressou ao Paquistão onde, durante oito anos, trabalhou como consultant physician, em Lahore. Em 1997 decidiu voltar ao Reino Unido, onde pretendia permanecer «apenas um ou dois anos» mas, porque o «destino» assim quis, continua no país ao fim de 10 anos. Além das funções que desempenha no Bournemouth Hospital e no Wessex Institute, este médico ainda arranja tempo para colaborar, a título voluntário, com o Royal College of Physicians de Londres, entidade que representou entre nós, em Setembro, na Escola Europeia de Medicina Interna, onde falou sobre procedimentos a adoptar em caso de cefaleias agudas.

TM 1.º CADERNO de 2007.12.10
0712691C10107ABV45A